


## ARTIGOS

# Educação do Campo em tempo de pandemia: impactos, limites e desafios

 Sérgio Luiz Teixeira\*  
Maria Aparecida Gonçalves Ribeiro\*\*

**Resumo:** Este artigo pretende compartilhar a síntese da pesquisa que teve como objetivos norteadores: acompanhar e investigar o processo de adaptação à nova realidade imposta ao coletivo de educadoras e educadores da escola do campo em tempo de pandemia; analisar os impactos na gestão e no cotidiano escolar pelo contexto da pandemia do Covid-19; e reconhecer os limites e os desafios impostos para as educadoras e educadores para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Os sujeitos da pesquisa são as educadoras e os educadores da Escola Classe Sonhém de Cima, um coletivo constituído por 14 integrantes, entre equipe gestora, coordenação pedagógica e docentes. Os demais participantes, 128 responsáveis dos estudantes, correspondem a 75% do universo das famílias atendidas na escola. A metodologia escolhida segue os princípios da pesquisa-ação proposta por Thiollent (2003). Conclui-se que a análise dos dados possibilitou: reconhecer os aspectos geográficos da localização do assentamento, das fazendas e as condições econômicas das famílias como fatores limitadores para o ensino remoto; demonstrar o nível de ansiedade do coletivo de educadoras e educadores da escola, e como isso constitui grande desafio para a equipe gestora e para equipe especializada de apoio à aprendizagem (EEAA) na tarefa de acolher e contribuir com o corpo docente neste contexto escolar; e reconhecer a rotina de trabalho, os sentimentos, a pouca ou a falta de habilidade com as ferramentas pedagógicas virtuais e a preocupação com a avaliação formativa dos estudantes na perspectiva docente.

**Palavras-chave:** Pandemia. Educação do Campo. Impactos. Limites. Desafios.

---

\* Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, em 2007, especialista em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – UnB/CEAM (2014), especialista em Educação na Diversidade e Cidadania pela UnB/CEAM (2014), especialista em Coordenação Pedagógica pela UnB/CEAM (2015) e mestre em Educação do Campo pela UnB (2018). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: sergioseduc@gmail.com

\*\* Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Euro Americano, em 2010, especialista em Neurociências e Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia de Palmas (2012), especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade de Ciências Wenceslau Braz (2016), especialista em Neurociências Aplicada à Avaliação e Intervenção Psicopedagógica pela Faculdade de Tecnologia de Palmas (2019). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato:maria.ribeiro6@edu.se.df.gov.br

## Introdução

O real não está no início, nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.

O correr da vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

Guimarães Rosa

O presente artigo tem o objetivo de socializar e refletir sobre os impactos da pandemia do Covid-19 na gestão e no cotidiano escolar, a partir das percepções críticas das educadoras e dos educadores da Escola Classe Sonhém de Cima da Coordenação de Ensino de Sobradinho, vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Os objetivos da pesquisa são: a) acompanhar e investigar o processo de adaptação à nova realidade imposta ao coletivo de educadoras e educadores da escola do campo em tempo de pandemia; b) analisar os impactos na gestão e no cotidiano escolar pelo contexto da pandemia do Covid-19; e c) reconhecer os limites e os desafios impostos para as educadoras e os educadores no sentido de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Os sujeitos da pesquisa são as educadoras e os educadores da Escola Classe Sonhém de Cima, um coletivo constituído de 14 integrantes. A equipe gestora é constituída da gestora, vice-gestora e secretária. A equipe docente é composta de seis professoras e dois professores. Duas coordenadoras pedagógicas, uma delas é responsável pela Educação Integral. E uma professora, que está sendo responsável pela Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA). Os outros participantes da pesquisa, um total de 128 responsáveis de estudantes, correspondem a 75% do universo das famílias atendidas na escola.

A metodologia escolhida segue os princípios da pesquisa-ação de Thiollent (2003), pois a ação problemática surge no contexto escolar e merece ser investigada a partir dos sujeitos históricos envolvidos (educadores, estudantes e famílias) para acompanhar, analisar e sintetizar a transformação da realidade educacional em tempo de pandemia do Covid-19.

As estratégias utilizadas na pesquisa foram: i) a observação, participação dos momentos de reuniões virtuais pela plataforma Meet mediadas pela equipe gestora; ii) acompanhamento das mensagens compartilhadas no grupo dos educadores da Escola Classe Sonhém de Cima da rede social WhatsApp, que tinham cunho informativo sobre os decretos, portarias entre outros documentos do Governo do Distrito

Federal (GDF) e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), nos quais apresentavam as recomendações e/ou as determinações no enfrentamento da pandemia do Covid-19 – que impactaram as políticas públicas, a gestão e o cotidiano escolar, no período da pesquisa; iii) um questionário na plataforma Formulários Google com 12 questões fechadas e abertas para o coletivo de educadoras e educadores com a mediação da Equipe Especializada de Apoio de Aprendizagem (EEAA); iv) um questionário na plataforma Formulários Google com dez questões fechadas e semiabertas para os responsáveis dos estudantes da escola, com a responsabilidade da coleta e análise dos dados do comitê de governança local e v) uma entrevista com perguntas abertas para quatro educadores (três professoras e um professor, que trabalham, respectivamente, com as turmas da Educação Infantil, do 1º ano, 2º e 5º anos do Ensino Fundamental. Dois são efetivos e dois são contratados temporariamente).

O período da pesquisa compreende os dias entre 12 de março a 31 de julho, ou seja, um total de 152 dias nos quais foram repletos de muitos sentimentos de ansiedade, medo, apreensão, desespero e muitas dúvidas e incertezas no contexto escolar em tempo de pandemia.

## 1 Antes do distanciamento, aproximação com a comunidade camponesa

A escola é uma das agências formativas presentes no território camponês. A aproximação da escola com os sujeitos históricos para identificar as matrizes formativas constituintes da realidade camponesa é materializada com a construção coletiva do inventário social, histórico, cultural e ambiental.

Esse instrumento investigativo dialógico e dialético é apresentado nos documentos norteadores das práticas pedagógicas para as escolas do campo – Currículo Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2014); Portaria nº 419/2018, de 21 de dezembro de 2018 (DISTRITO FEDERAL, 2018) e nas Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2019).

O Inventário Social, Histórico, Cultural e Ambiental constituiu-se num instrumento investigativo letivo, dialógico e dialético que tem como objetivo reconhecer os elementos educativos presentes no território camponês que servirão de subsídio na construção do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar, cuja essência como elemento técnico, visa garantir a política educacional voltada para as Escolas do Campo, legitimando-as. O principal elemento educativo e norteador dos estudos da comunidade escolar camponesa, na construção

desse Inventário, é a terra.

O Inventário é uma ferramenta para levantamento e registro organizado de aspectos materiais e imateriais de uma determinada realidade. É um instrumento de trabalho que contribui para se pensar a escola como parte de processos formativos internacionalizados em uma direção emancipatória, capaz de materializar sua ligação com a vida e as relações sociais de que é parte. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 43-44).

Na manhã do dia 11 de março de 2020, o coletivo de educadores e educadoras e demais funcionários da Escola Classe Sonhém de Cima chegaram para mais um dia de trabalho, mas sem a presença dos estudantes. Ainda não era distanciamento social, e sim uma aproximação da escola com a população do assentamento Contagem, território educativo no qual está inserida a escola.

Nesse dia, foi realizada uma ação pedagógica do projeto do Inventário Social, Histórico, Cultural e Ambiental Escola Classe Sonhém de Cima: os saberes e os fazeres do campo com prosas e rimas, com a intencionalidade de visitar algumas famílias dos estudantes que residem no Assentamento e nas fazendas circunvizinhas, seguindo os caminhos das águas da Bacia Hidrográfica do Rio Maranhão que cortam esse território, para identificar e reconhecer como a população camponesa usa os recursos hídricos para o consumo e a produção de alimentos.

É indispensável construir um planejamento pedagógico pensado a partir do estudante e do seu lugar de produção de vida, de identidade cultural e de formas de organização social da comunidade. Assim se consolida uma relação de pertencimento à escola e, num caminho de duas vias, conecta-se a escola à vida, dando sentido ao conhecimento escolar, por meio da integração curricular. Ao estimular o estudante a produzir conhecimento sobre si, seu lugar, seus valores, suas histórias e sua cultura procura-se garantir uma educação de qualidade socialmente referenciada, vinculada aos processos de desenvolvimento do território onde se localiza a escola. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p.44).

Foi um momento de interação e aprendizagem para todos os participantes. No mesmo dia, ouvimos a notícia que o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, pretendia suspender as aulas das escolas públicas e privadas, entre outras medidas, para iniciar o enfrentamento da pandemia de Covid-19.

### 1.1 Pandemia à vista, distanciamento social imposto

Na manhã seguinte, o pátio da escola continuava vazio, sem a presença dos estudantes, das professoras e dos demais funcionários. A notícia estampada

nos jornais escritos e falados do Distrito Federal tinha a informação de que, por causa dos 118 mil casos em 117 países, a Organização Mundial da Saúde (OMS) acabava de classificar o surto de Covid-19 no mundo como pandemia. Em Brasília, havia oficialmente duas pessoas infectadas pela doença. No país, um total de 53 casos confirmados, e a primeira morte, no estado de São Paulo.

Assim, em meio a esse cenário, as aulas foram suspensas durante cinco dias, através do Decreto nº 40.509, de 11/03/2020. Antes de findar essa suspensão, outros decretos foram publicados autorizando recesso escolar de 15 dias, pelo Decreto nº 40.520, de 14/03/2020, baseado no art. 34 da Lei nº 5.105/2013. Enquanto o coronavírus se espalha pelo Distrito Federal e pelo Brasil, o Governo do Distrito Federal (GDF) se adapta à nova realidade, anunciando decretos com possíveis medidas para instaurar o distanciamento entre as pessoas e evitar o crescimento do contágio de Covid-19.

Nesse período de isolamento e distanciamento sociais em tempo de pandemia, a rotina de trabalho de todos os profissionais sofreu alterações drásticas, ficando visíveis as mudanças nas políticas públicas, na gestão e no cotidiano escolar.

Da noite para o dia, ou do dia para a noite, literalmente, os professores sofreram os impactos das mudanças bruscas na rotina de trabalho, e até nas relações familiares. O home office, trabalho remoto, as plataformas e reuniões virtuais, a gravação de vídeo-aulas, a interação com os estudantes e com os respectivos responsáveis através do WhatsApp, entre outros elementos, foram incorporados ao cotidiano escolar para minimizar os prejuízos para os estudantes, que são os mais afetados no processo de ensino e aprendizagem sem a mediação docente presencial. Nos meses de abril e de maio, para não perderem o vínculo com sua turma, as professoras e os professores compartilharam atividades complementares e kits pedagógicos com os responsáveis dos estudantes. Esse apoio foi importante para que as famílias organizassem para as crianças uma rotina mínima de estudos a fim de não perderem o ritmo e nem o interesse.

## 2 O retorno ao trabalho, ato afetuoso e carinhoso

No dia 5 de junho, a equipe gestora mediu a reunião coletiva para desejar boas vindas às educadoras e aos educadores da escola, com gestos de afeto e carinho, mesmo a distância. Cada pessoa do coletivo, além da mensagem afetuosa, recebeu em sua residência uma cesta de café da manhã antes da reunião. Foi

um ato acolhedor em um momento repleto de incertezas. A equipe gestora escolheu a plataforma virtual Meet e alguns participantes tiveram dificuldade em acessar a plataforma no notebook e/ou no celular. Outros tiveram problemas com a internet. Essa situação possibilitou trazer à tona algumas reflexões sobre a inexperiência de alguns educadores com os recursos audiovisuais e tecnológicos na mediação do processo de ensino e aprendizagem. Por analogia, se os educadores estavam com essas dificuldades, os estudantes e suas respectivas famílias provavelmente também poderiam enfrentar os mesmos problemas para acompanhar as aulas on-line e as atividades compartilhadas na plataforma Google sala de aula ou por WhatsApp.

Depois de resolvidos os problemas de conexão e de acesso, todas e todos se fizeram presentes. Então, teve início a reunião. A gestora da escola desejou boas vindas, demonstrando empatia com cada um presente. Para iniciar a conversa coletiva, teve um momento de escuta. Cada participante teve de um a dois minutos para contar sobre a sua vivência do período de distanciamento e/ou isolamento social. As palavras ditas e ouvidas foram repletas de sentimentos como ansiedade, apreensão, receio, medo, incerteza. Ecoaram nos alto-falantes e nos fones. Desabafos individuais, problema coletivo. Como expressaram duas professoras sobre esse novo momento: "Jamais pensei em passar por isso". "Esse novo está me causando angústia."

## 2.1 Os limites da interação

O assentamento Contagem localiza-se na rodovia DF 205 Leste. Distante 18 km da área urbana da Região Administrativa (RA) da Fercal e, do Plano Piloto, distante aproximadamente 54 km. No aspecto geográfico, o território do assentamento está inserido na Área de Proteção Ambiental do Planalto Central, do bioma do cerrado e da bacia hidrográfica do rio Maranhão. Nos limites territoriais, o Contagem faz parte do norte do Distrito Federal e do município de Planaltina do estado de Goiás.

A Escola Classe Sonhém de Cima há quase duas décadas oferece da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental e atende às famílias do assentamento, das fazendas circunvizinhas e também das áreas urbanas da RA Fercal. Escola do campo, direito social conquistado pelas famílias assentadas da Reforma Agrária, pois quando ocuparam as terras devolutas da fazenda Maranhão, as crianças e adolescentes tinham de se deslocar alguns quilômetros a pé para estudar.

Atualmente, o acesso dos estudantes aos estudos utiliza o necessário ônibus escolar, com o qual muitos estudantes percorrem quase 20 km para chegar até

a escola. São oriundos do próprio assentamento, das fazendas e de áreas urbanas da Fercal, dificultando a entrega das atividades impressas, tanto para as famílias buscarem na escola quanto para a equipe gestora entregar às famílias com segurança.

A expectativa e a preocupação de viver esse momento de trabalho remoto se fazem presentes nas falas das educadoras e educadores. Conhecedores da realidade econômica e social e dos aspectos geográficos do território da comunidade escolar trazem à tona outro limite que dificulta o novo processo de ensino e aprendizagem: o problema de interagir adequadamente com os estudantes a distância.

O território geográfico onde a Escola Classe Sonhém de Cima está inserida é formado de cadeias de montanhas que impedem a transmissão de sinal das operadoras de telefonia móvel e também das ondas de rádio e de TV digital.

As famílias das comunidades camponesas e urbanas atendidas pela escola, em sua grande maioria, não possuem sinal e/ou cobertura de TV aberta, sinal telefônico e o sinal de rádio tem muitas limitações. Muitos não têm acesso à internet, bem como, não possuem computadores ou notebooks para que os estudantes possam acompanhar as aulas on-line ou interagir virtualmente com as (os) professoras (es). Mesmo pela televisão há essa dificuldade, pois, algumas famílias não têm acesso ao sinal da TV digital, caso essas opções sejam escolhidas pela SEEDF e pela equipe docente como estratégias de ensino nesse período de distanciamento social.

## 2.2 Impossibilidade de acompanhar o processo de ensino e avaliativo

Outro fator preocupante apontado pela equipe docente é a impossibilidade de saber se é o próprio estudante que responde as atividades propostas ou se tem alguém respondendo para ele. As atividades complementares que foram enviadas pela equipe docente para as famílias dos estudantes durante os meses de abril e maio, quando devolvidas, apresentaram - em alguns casos - evidências de que as questões respondidas não tinham sido feitas pelos próprios estudantes, por exemplo, nos casos em que se observava uma caligrafia diferente.

Essa nova realidade educacional imposta pela pandemia do Covid-19, onde não existe a interação e nem mediação das professoras e dos professores com seus estudantes nos tempos e espaços formativos escolares, apresenta um dilema para a equipe docente: como registrar nos relatórios avaliativos dos estudantes a apreensão ou não das habilidades e as competências

propostas para cada nível e/ou faixa etária no Currículo em Movimento da SEEDF, em consonância com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), de maneira fidedigna, seguindo os princípios da avaliação formativa?

O coletivo de educadoras e educadores da Sonhém compreendeu que, para se aproximar da realidade dos estudantes, fazia-se necessário ter a autonomia dos agentes educativos das escolas do campo. Só assim seria possível desenvolver efetivamente as estratégias didático-pedagógicas que podem contribuir para o acompanhamento dos estudantes no processo de aprendizagem, considerando as especificidades de cada realidade da escola do campo e respeitando os direitos de aprendizagens propostos no Currículo em Movimento e na BNCC, valorizando os saberes e os fazeres dos sujeitos históricos na perspectiva dos princípios e das matrizes formativas da Educação do Campo.

Todos os participantes concordaram com a proposta da construção do questionário de pesquisa na plataforma Google para as/os responsáveis das/os estudantes responderem e, por consequência, permitir diagnosticar a realidade sobre o acesso à internet e aos recursos audiovisuais no âmbito familiar dos discentes. Quem ficou encarregado de desenvolver essa ação estratégica do plano de ação da escola foi o comitê de governança local, constituído por representantes da equipe gestora, da coordenação pedagógica e da equipe docente. Conforme solicitado pela SEEDF, por meio da Portaria nº 120, de 26 de maio de 2020, que institui comitês central, regional e local para a implementação e operacionalização do regresso dos estudantes às atividades educacionais não presenciais e presenciais.

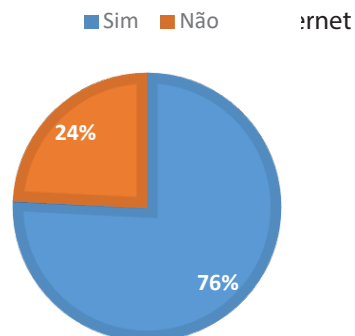
### 3 Diagnóstico da realidade: aula virtual ou atividades impressas

Nos dias 6 e 7 de junho, o comitê local de governança planejou o questionário da plataforma do Google com o intuito de diagnosticar a realidade das famílias e responsáveis dos educandos (Gráficos 1 e 2).

A equipe gestora gravou e compartilhou um vídeo informativo para os responsáveis ficarem cientes da importância de responder o questionário.

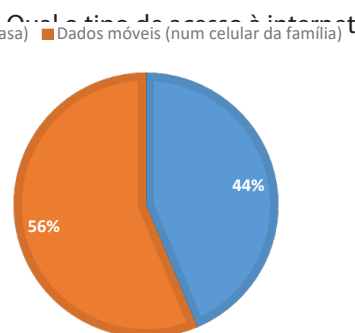
O professor (a) compartilhou o questionário nos respectivos grupos de WhatsApp da turma, orientou os responsáveis dos estudantes e entregou os questionários respondidos para o comitê local. Os dados coletados possibilitaram reconhecer a realidade e definir as futuras ações pedagógicas no retorno das atividades não presenciais.

Gráfico 1- Acesso à internet



Fonte: Comitê local de governança – E.C. Sonhém de Cima – 2020

Gráfico 2- Qualidade do acesso à internet



Fonte: Comitê local de governança – E.C. Sonhém de Cima – 2020

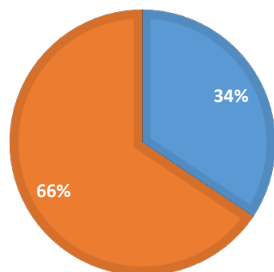
Os resultados da pesquisa realizada com os responsáveis dos estudantes da escola possibilitaram identificar a realidade nos aspectos de acesso à internet e na preferência pela entrega de atividades impressas, ao invés de aulas virtuais (Gráficos 3 e 4). Esses dois aspectos relevantes serviram para a equipe gestora juntamente com a coordenação pedagógica definir as estratégias do processo do trabalho docente.

Ao saber que a família, na sua maioria, não tinha internet suficiente para acompanhar as aulas virtuais das plataformas do Google sala de aula e nem condições financeiras para imprimir as atividades propostas, o coletivo decidiu que todos os estudantes da escola iriam receber as atividades impressas.

Cada professor (a) irá planejar quinzenalmente ou mensalmente, sempre seguindo as orientações do Currículo em Movimento da SEEDF em consonância com a BNCC, respeitando o nível de aprendizagem dos estudantes e valorizando os saberes e os fazeres dos sujeitos históricos na perspectiva dos princípios e das matrizes formativas da Educação do Campo.

Gráfico 3 – Atividades impressas

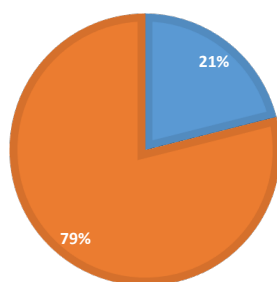
■ Condições de imprimir atividades em casa ■ Precisa buscar na escola



Fonte: Comitê local de governança – E.C. Sonhém de Cima – 2020

Gráfico 4 – Aula virtual ou atividade impressa

■ Aula virtual (on line) ■ Atividades impressas



Fonte: Comitê local de governança – E.C. Sonhém de Cima – 2020

A entrega das atividades para os responsáveis dos estudantes está sob a responsabilidade da equipe gestora e da coordenação pedagógica, em quatro locais: um na escola e os outros são locais estratégicos para facilitar ao representante do estudante receber as atividades. Dia, horário e o local da entrega são avisados com antecedência nos grupos de WhatsApp das respectivas turmas. Em alguns casos, os próprios responsáveis combinam entre eles para receber as atividades para dois ou mais estudantes. Essas estratégias estão diminuindo a distância dos estudantes com os conteúdos curriculares em tempo de pandemia.

#### 4 Olhar atento da EEAA

Antes da pandemia, os desafios já eram muitos na Educação do Campo, mas as professoras e os professores, acostumados com o chão da escola, sentiam-se seguros. Agora, em tempo de pandemia, de repente, tudo mudou. Sem aviso prévio para se preparar para as mudanças drásticas, foram arremessados no abismo das incertezas e das dúvidas de como atuar e mediar o processo de ensino e aprendizagem sem a

presença dos estudantes.

Tais desafios forçaram a necessidade de se repensar o papel de assessoramento e de acompanhamento nos processos de ensino e aprendizagem, em um contexto de aulas não presenciais em que o acesso à tecnologia e a ferramentas educacionais digitais é privilégio de poucos alunos, tendo em vista que nosso público se localiza em uma região de vulnerabilidade social. A assessoria ao trabalho coletivo é uma dimensão do trabalho da EEAA descrito no documento Orientação Pedagógica do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem da SEEDF.

A assessoria da EEAA ao trabalho coletivo constitui-se como uma estratégia de intervenção que auxilia a instituição educacional na conscientização dos processos educativos, tanto no que se refere aos avanços, compreendidos como ações pedagógicas bem-sucedidas, quanto aos desafios que podem ser superados por meio da ação coletiva (DISTRITO FEDERAL, 2010, p.71).

Dentro desse contexto, ao qual se faz necessário promover o desenvolvimento das aprendizagens por meio do distanciamento social, a responsável pela Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA) desenvolveu um questionário na plataforma Formulário Google para identificar como seus pares estão emocionalmente, e nortear ações que visam dar suporte às professoras e aos professores da escola neste momento de transformação da rotina escolar, garantindo significado aos fazeres pedagógicos de cada profissional da escola.

A proposta de mapear a instituição educacional integra-se a uma perspectiva de atuação preventiva e institucional, por parte da EEAA, uma vez que remete e compromete os profissionais desse serviço à compreensão do contexto escolar, valorizando as características particulares que interferem diretamente no desempenho da instituição educacional. (DISTRITO FEDERAL, 2010, p.69).

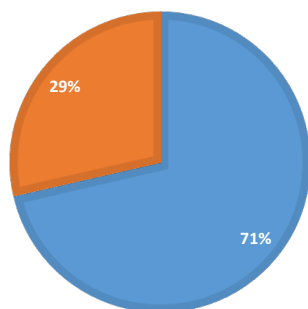
O questionário foi elaborado com 12 perguntas, das quais duas serviram para retratar o que e como as professoras e os professores estão vivenciando. Elas demonstram que todos necessitam de um olhar cuidadoso para superarem os obstáculos impostos nessa nova realidade do trabalho docente.

Ao responderem “o professor necessita de um espaço na escola para facilitar seu teletrabalho?”, mais de 70% dos integrantes da equipe docente da escola apontaram que, mesmo com o distanciamento social, preferem ter um espaço na escola para facilitar o

trabalho pedagógico e didático (Gráfico 5). Esse, sim, se justifica com a fragilidade em se apropriarem das competências digitais, bem como organizarem uma rotina de trabalho em casa.

Gráfico 5 - O(A) professor(a) necessita de um espaço físico para facilitar o teletrabalho

■ Sim ■ Não

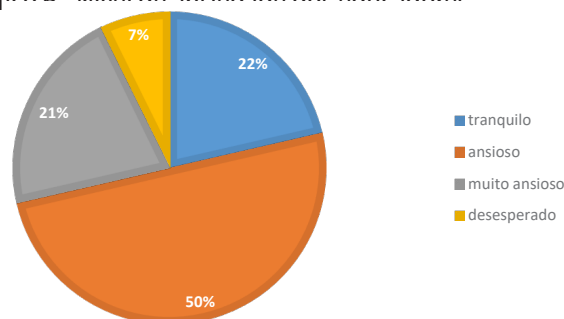


Fonte: EEAA – E.C. Sonhém de Cima – 2020

O questionário demonstra o quanto estão acostumados com a rotina de trabalho dentro do ambiente escolar e que ter de estabelecer outra rotina, totalmente diferente do habitual, perpassa por muitos desafios e gera ansiedade. Ciente dessa necessidade, a equipe gestora, a coordenação pedagógica e a EEAA têm apoiado a equipe docente com o acolhimento no ambiente escolar, para contribuir no planejamento das atividades que serão enviadas aos estudantes.

As respostas à pergunta “como está o seu nível de ansiedade quanto a esse momento que vamos iniciar?” nos fizeram refletir sobre o quanto o grupo precisava de acolhimento e cuidado (Gráfico 6). Ao reconhecer que 80% dos docentes estavam ansiosos, e até mesmo desesperados e sem saber como enfrentar essa nova realidade, fez-se necessário organizar momentos de acolhimento para o grupo, respeitando as particularidades de cada um. Foram promovidas lives acerca do cuidado emocional, coletivas mais frequentes, assessoramento individualizado via WhatsApp e e-mail, e suporte constante da coordenação pedagógica nos planejamentos individuais e coletivos. Nesse sentido, o coletivo de educadoras e educadores se fortaleceu significativamente, fazendo com que o trabalho tivesse

uma boa fluidez nesse formato de aulas remotas. Gráfico 6 - Nível de ansiedade dos educadores



Fonte: EEAA – E.C. Sonhém de Cima – 2020

A escola vem atendendo aos alunos com material impresso e via WhatsApp. O retorno tem sido bom, mas ainda não é o ideal. As aulas também são ofertadas pela plataforma, embora com poucas adesões. Portanto, o mapeamento realizado foi o nosso eixo norteador na construção e adequação de um novo espaço de aprendizagens na escola do campo.

### 5 Trabalho docente: rotina, sentimentos, TICs e avaliação

Nesse cenário de mudanças bruscas e repentinas no cotidiano escolar por causa da pandemia do Covid-19, ouvir a professora e o professor é imprescindível para saber como a rotina de trabalho foi alterada, e que sentimentos afloraram em cada uma, em cada um. No sentido da formação profissional, há o desejo em saber qual é a experiência com as tecnologias de informação e comunicação (TICs), vistas como necessárias para servir de ferramentas pedagógicas no processo de ensino remoto. E quais as preocupações que o corpo docente tem com a aprendizagem dos estudantes, pois não pode interagir e acompanhar os estudantes presencialmente nesse percurso educativo. Para materializar essa intencionalidade, foi realizada uma entrevista com três professoras e um professor. Respectivamente, eles trabalham com as turmas da Educação Infantil, 1º, 2º e 5º anos do Ensino Fundamental. Dois são efetivos e dois contratos temporários. Para respeitar o anonimato das pessoas entrevistadas,

foi escolhido a nomenclatura P1, P2, P3 e P4.

### 5.1 Pergunta 1 - O que aconteceu com sua rotina de trabalho?

A mudança brusca da rotina do trabalho dos profissionais da educação, em especial das professoras e dos professores que têm a mediação com os estudantes face a face como parte da essência do trabalho docente, está refletindo nas diversas ações da profissão, como planejar as estratégias didático-pedagógicas, mediar, orientar, acompanhar e avaliar o processo de ensino que resultam na apreensão dos direitos de aprendizagem pelos estudantes.

Todos os pesquisados afirmaram que a rotina de trabalho foi alterada com mudanças bruscas e inesperadas para enfrentar a nova realidade imposta pela pandemia.

A distância entre professor e estudante foi apontada por uma das professoras ouvidas como um fator limitante para o ato de mediar a transmissão e resignificação dos conhecimentos. Também a qualidade da internet em sua residência, que oscila na conexão, pois tem filhos universitários que também estão conectados para acompanhar as aulas remotas da universidade.

Minha rotina foi completamente alterada. Meus filhos são universitários e necessitam de usar a internet ao mesmo tempo que eu. Em minha residência a internet é fraca devido à localização. Cai, sai do ar ou fica pausada. Minha rotina de casa é completamente diferente. Tento atender às solicitações no momento, porém é complexo as explicações ou o entendimento de alguns responsáveis. (P1)

Outra professora desabafa sobre a nova realidade do trabalho docente, sem horário e sem fim de semana. A incerteza do amanhã, tão presente, que impede de contribuir para acalmar os pais e os estudantes: “Antes tínhamos um horário, seguíamos uma rotina. Enquanto isso, hoje, vivemos na incerteza do amanhã, trabalhando dia e noite, sem fins de semana. Pais aflitos e crianças ansiosas que nos procuram em busca de informações que também, às vezes, não temos.” (P2)

Enquanto no ambiente escolar a mediação entre professor e estudante é repleta de intencionalidades pedagógicas, que possibilitam atingir êxitos no processo de transmissão e de resignificação dos conhecimentos científicos e populares, agora, em tempo de pandemia, a mediação se faz apenas virtualmente pela rede social, o WhatsApp, com os pais dos estudantes, sem horário definido. Isso impactou e aumentou consideravelmente a rotina de trabalho docente, como enfatiza a Professora 3:

Minha rotina de trabalho foi totalmente alterada. Estou me comunicando com meus alunos através do grupo de WhatsApp. Alguns pais só podem responder à noite. Então, o horário de trabalho vai até tarde. Tenho que conciliar com os trabalhos de casa e tarefas da filha, que também estuda. Parece que a jornada triplicou. E ainda tem a internet no assentamento que é ruim. (P3)

A rotina do trabalho docente longe da escola tem muitas ações que consomem o tempo do professor: participação em reuniões virtuais, assistir lives, pesquisar, assistir a tutoriais para aprender novas práticas didático-pedagógicas virtuais, atendimentos aos pais e estudantes via rede social, escanear livros e textos, planejar atividades pensadas não só aos estudantes, mas também para os pais, pois eles que irão acompanhar as plataformas virtuais e orientar os estudos das crianças. E, como estão em casa, as professoras e os professores precisam conciliar com os afazeres de casa e acompanhar os filhos nos estudos, também a distância, e necessitam de cuidados especiais.

Mudou bastante. Agora passo a maior parte do tempo em frente ao computador produzindo material para as aulas on-line, pesquisando material na internet e livros, e escaneando textos de livros. Também passei a atender a dúvida dos pais via WhatsApp, além de receber as fotos das atividades feitas pelos alunos para avaliação. Além dessa rotina de trabalho, tenho que dar atenção e cuidar de dois filhos. O mais velho tem 11 anos de idade e estuda no 5º Ano. O outro tem 4 anos com necessidades especiais, estudante da Educação Infantil, demanda bastante atenção. (P4)

### 5.2 Pergunta 2 - Quais os sentimentos emocionais que mais impactaram em vossa pessoa nesse período?

Neste tempo de pandemia, de tantas incertezas, as professoras e os professores apresentaram em seus depoimentos e desabafos os sentimentos que estão afetando a saúde psicológica de cada uma, de cada um.

Ansiedade, depressão, raiva, tristeza são sentimentos que provocam um turbilhão de emoções que afetam a saúde psicológica de cada docente. Deixando uma sensação de impotência de não poder ajudar os pais e estudantes, e também o medo da doença e do desemprego, como desabafou P1: “Me sinto impotente em não conseguir ajudar. As emoções são vários turbilhões. Temos que vivenciar o medo da doença, a incerteza de ficar desempregada. Isso no meu caso, eu sou contratada.” (P1).

A preocupação não é apenas com trabalho docente,



mas com as consequências da pandemia para os seus familiares, tanto na saúde, quanto na economia.

Neste período de isolamento social demonstro estar muito ansiosa com as informações diárias sobre a contaminação e morte das pessoas, a irresponsabilidade de alguns e com a falta de compromisso de outros. Aparento estar deprimida, devido às consequências da pandemia, muito preocupada com os meus pais que são idosos, meus familiares, que na maioria possuem comorbidades e com a situação financeira que a cada dia fica mais difícil. Para completar, a preocupação com os filhos que passaram mal neste período e tivemos que sair de casa para ir justamente ao hospital. Local de atenção máxima de contágio. Fico triste e deprimida, pois estou tentando fazer o melhor, porém não sou correspondida. Espero que se o governo realmente conseguir liberar a internet para todos, haja uma esperança de melhoras. (P1)

Outro elemento que surgiu nesse tempo de pandemia que afeta a saúde do docente são as mudanças rápidas e as divergências das opiniões e aplicações das políticas públicas que interferem no contexto e cotidiano escolar.

O sentimento emocional que mais me impactou nesse período foi a incerteza, pois são tantas mudanças em todas as áreas de nossas vidas por causa da pandemia. Então, o nosso emocional fica muito abalado. O que me deixa mais ansiosa são as divergências de opiniões, as mudanças constantes. Às vezes, muitas informações não chegam ou chegam de forma distorcida, ou são mudadas tão rápidas que quando chega ao nosso conhecimento já foi mudada, alterada. As incertezas de tantas coisas, até mesmo se você vai continuar vivo ou não diante da pandemia, desse vírus que você não sabe nada ao certo. (P3)

**5.3 Pergunta 3 - Já tinha formação ou experiência com as ferramentas pedagógicas das Tecnologias da informação e comunicação (TICs) - plataforma Google sala de aula, Meet, gravação de vídeos e compartilhamento pelo WhatsApp entre outras - para interagir com os estudantes e os seus responsáveis? Como foi esse processo formativo proposto pela EAPE? Contribuiu para sua formação continuada?**

O ensino remoto surge como proposta didático-pedagógica da SEEDF, em tempo de pandemia, para subsidiar as atividades não presenciais, promover a interação entre os estudantes e professores e minimizar os prejuízos para os estudantes, em especial, no processo de aquisição mínima da aprendizagem dos

conteúdos curriculares do ano letivo.

No lugar da lousa, giz e livros didáticos entram em cena o notebook, o celular e as plataformas virtuais. Muitos professores ainda não têm afinidade com as ferramentas pedagógicas virtuais. Conhecedora dessa realidade, a SEEDF propõe uma formação continuada, para muitos uma proposta de formação inicial, a fim de colaborar com os professores para adquirir habilidades e competências mínimas para trabalhar no ensino remoto e híbrido com as ferramentas pedagógicas virtuais.

Nos dias 8 a 13 de junho, a Subsecretaria de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação (EAPE) ofereceu três cursos para contribuir na formação continuada na perspectiva das ferramentas pedagógicas virtuais utilizadas no ensino remoto e híbrido. Os cursos foram: Gsuite – ferramentas do Google para educação; Moodle on-line; e Produção de Material Didático: práticas sociais, proposta metodológica e design. Os cursos foram realizados na modalidade a distância, nas respectivas plataformas e no canal da EAPE no YouTube, com carga horária de 30 horas.

Mesmo com período curto de formação, a equipe docente participou com empenho e com interesse de aproveitar a oportunidade formativa para conhecer um pouco sobre o universo das novas tecnologias, que, para muitos, surge como um novo mundo que precisa ser explorado e apreendido para ser uma ferramenta pedagógica capaz de contribuir com esse novo contexto educacional imposto a todos e todas envolvidos (as) na educação formal.

Em depoimento, P1 relata que não tinha formação ou contato com as tecnologias. E, mesmo com o curso da EAPE, precisará de ajuda de seus familiares para continuar o processo formativo na perspectiva das TICs, além de se sentir insegura com as atividades híbridas (caso sejam escolhidas como proposta de retorno às aulas presenciais).

Não tinha formação ou contato com as tecnologias apresentadas para atender aos estudantes. Será um desafio triplicado, pois com as aulas presenciais não consigo alcançar os 100% dos alunos, me angustio principalmente com as atividades híbridas. Os cursos oferecidos pela SEEDF auxiliaram bastante, porém necessito de ajuda constante dos filhos, sobrinhos e colegas de trabalho para manusear as TICs. (P1)

No mesmo sentido, P2 relata que a sua experiência com as TICs era somente o básico. Está angustiada e frustrada com essa situação. Por ser tímida, percebe que não consegue filmar os vídeos interativos para seus estudantes. E, mesmo participando dos cursos da EAPE, não se sente segura com as novas tecnologias.

A experiência com as TICs era somente o básico. Hoje me vejo angustiada e frustrada. Descobri que não sei nada. Nas plataformas virtuais eu somente sabia usar o básico para alguns cursos que eu realizei. Sou tímida e me sinto totalmente despreparada para filmar, lidar com as crianças ao vivo é muito diferente de me expor atrás de um vídeo, mesmo sem querer, me pego comparando com outras professoras que se sentem à vontade diante de uma que gosta. O curso oferecido pela EAPE oferecia um vasto conhecimento, porém o espaço de tempo muito curto, principalmente porque era uma formação em TIC, à qual, a maioria não tem o conhecimento, e o curso era totalmente on-line. Apesar de ter feito, não me sinto totalmente segura para usar as novas tecnologias. (P2).

P3 expõe o sentimento de ansiedade e o receio de não conseguir aprender a maneira correta e nem conseguir apreender rapidamente todas as informações sobre as novas tecnologias.

Não tinha formação e nem experiência com as TICs, o que dificultou bastante com essa mudança toda. O que mais trouxe ansiedade, devido essas mudanças, foi de não conseguir realizar de forma correta ou não conseguir aprender rapidamente para poder utilizar. Os cursos da EAPE me ajudaram bastante. (P3)

A ausência das ferramentas pedagógicas para a maioria dos estudantes é um dos limites para trabalhar o ensino remoto, ressaltou P4:

Não tinha formação com as ferramentas pedagógicas das TICs. O problema com essas ferramentas é que a maioria dos alunos não tem acesso tanto aos instrumentos (celular, tablet, computador) como aos meios de acesso (Wifi, dados móveis), o que dificulta em muito as atividades a distância com essas ferramentas. Por esse motivo, estamos encaminhando atividades impressas aos alunos. Quanto ao processo formativo, achei corrido e pouco intuitivo. Acho que deveria ter sido implementado já em março, e feito num período maior. Muitas das coisas sobre a plataforma e ao Google Meet, aprendi utilizando essas ferramentas, ou procurando um tutorial na internet. (P4).

**5.4 Pergunta 4 - Na perspectiva avaliativa formativa, a partir dessa nova experiência de ensino, que limita e dificulta a interação e mediação com os estudantes, tanto presencial e até mesmo a distância, como está acontecendo esse processo de ensino e aprendizagem dos estudantes? O que a (o) está deixando mais receosa (o) com esses limites e com os desafios impostos?**

O contexto escolar imposto pela pandemia do

Covid-19, com o distanciamento social, sem o contato direto entre os estudantes e o professor no ambiente escolar dificulta o trabalho pedagógico como preconiza o Currículo em Movimento do Distrito Federal:

O trabalho pedagógico desenvolvido nas unidades escolares, portanto, deve estar voltado para as necessidades de aprendizagem de todos os estudantes, respeitando seus tempos de desenvolvimento, com a garantia de um processo contínuo de formação integral. O ensino, então, não fica restrito à transmissão de conteúdos e à prática de avaliações que valorizem apenas o caráter quantitativo ao final de cada bimestre; diferente disso, aprimora-se constantemente os processos de ensinar, de aprender e de avaliar, tendo como princípio fundamental a garantia das aprendizagens para todos os estudantes. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 10)

Além de dificultar o trabalho pedagógico no aspecto do ensinar por causa da dificuldade de interação com os estudantes, os professores perceberam que avaliar a aprendizagem na perspectiva da avaliação formativa, como recomenda a SEEDF, fica quase impossível, pois

A avaliação formativa tem por princípio utilizar-se da função diagnóstica para reorientar os processos de ensino e de aprendizagem e, conseqüentemente, servir de instrumento para a melhoria da função social a que se destina a escola. Nesse sentido, a avaliação deve ser ato de valorização e de potencialização das aprendizagens, e não de classificação e exclusão. A concepção formativa aí implícita constitui prática imprescindível para o progresso das aprendizagens dos estudantes e dos demais sujeitos que compõem a escola (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 33).

P1, que sempre trabalhou com turmas do Bloco Inicial de Alfabetização, está desesperada com essa impossibilidade de fomentar a avaliação formativa.

Está sendo desesperador, pois, desde o início da pandemia, onde encaminhamos atividades complementares para que as crianças não perdessem o vínculo com a escola, até hoje, após quase quatro meses, tem crianças que não entregaram a primeira atividade. Já estamos na quarta atividade. Como vou saber o desenvolvimento desta criança? Que apoio familiar posso concluir que estão tendo? Posto na plataforma as atividades, fico dia e noite à disposição no celular para atender ao grupo da sala ou no privado, mas somente os de sempre possuem dúvidas ou pedem explicações. A minha maior angústia, tanto no presencial como a distância, reflete no compromisso dos responsáveis. Vejo a equipe gestora se desdobrando, colocando suas próprias vidas em risco e alguns evidenciam que não tem a maior preocupação. Temos que ficar insistindo, quase que implorando para buscarem, fazerem e devolverem. Algo que não é para mim e nem para a gestora, são para os filhos deles. Acredito que este ano será o ano letivo que menos conseguirei avançar na alfabetização. (P1)

P2 aponta que outro elemento que dificulta a avaliação é a participação dos responsáveis, que pedem para os estudantes repetirem as respostas, sem ter autonomia da criança: “A interação com o meu aluno é diferente, consigo ler as suas reações, pois, na maioria das vezes, ele está repetindo o que a mãe ou o seu responsável manda.” (P2).

A não formação pedagógica dos responsáveis para mediar o processo de ensino junto às crianças foi apresentada por P3:

A avaliação diante dessas circunstâncias fica mais difícil de ser avaliada. Porque são tantas circunstâncias: a distância dos estudantes, e os pais, muitas vezes, não têm a formação necessária para estar ajudando as crianças, e outras situações que dificultam essa avaliação. Você não sabe realmente se são as crianças que estão realizando as tarefas ou se são outras pessoas. A avaliação formativa fica comprometida. (P3).

P4, que trabalha com a turma do 4º ano, ressalta novamente que o não acesso às ferramentas pedagógicas virtuais, por parte da grande maioria dos estudantes, dificulta esse acompanhamento avaliativo.

Como dito acima, a falta de aparelho e de rede dificulta o acesso dos alunos às ferramentas on-line. Estamos produzindo atividades impressas para os alunos e, no meu caso, que sou grupo de risco, peço que enviem a foto das atividades via e-mail ou WhatsApp. Mas, por exemplo, poucos alunos estão encaminhando as fotos das atividades assim que terminam, o que dificulta a correção e a orientação quanto às dificuldades apresentadas. (P4).

## Considerações finais

Este trabalho investigativo possibilitou acompanhar e observar a mudança brusca do contexto e cotidiano escolar em virtude da pandemia do Covid-19 e possibilitou identificar e analisar os impactos, os limites e os desafios para o coletivo de educadores da Escola Classe Sonhém de Cima, em especial, para a equipe docente e também para os estudantes e seus respectivos responsáveis no processo de ensino e aprendizagem.

A localização geográfica do território do assentamento e das fazendas, onde reside uma parte das famílias dos estudantes, dificulta o acesso dos sinais de celular, de internet e da televisão digital, sendo um elemento limitador para desenvolver o ensino remoto nesse período de distanciamento social.

O diagnóstico da realidade apontou os aspectos econômicos das famílias dos estudantes que dificultam

na aquisição de um aparelho de celular ou notebook para as crianças estudarem, para comprarem um plano de internet de boa conexão e também para imprimirem as atividades pedagógicas compartilhadas nas plataformas virtuais. Conhecer essa situação foi decisivo para a equipe gestora e docentes da escola do campo decidirem pela estratégia de entregar as atividades e os kits pedagógicos para os responsáveis dos estudantes.

A distância da escola até as residências dos estudantes dificulta para as famílias buscarem as atividades impressas, por isso a equipe sentiu-se desafiada para organizar a logística de entrega das atividades aos responsáveis dos estudantes sem causar aglomerações.

Com essa realidade, os professores são desafiados a planejar atividades contextualizadas e respeitando as especificidades das respectivas turmas para um período de uma quinzena e/ou um mês, com o entendimento de que os responsáveis dos estudantes irão acompanhar e orientar as crianças nos momentos de estudos em casa.

Ao conhecer o nível de ansiedade do coletivo de educadoras e educadores da escola, as equipes gestora e da EEA compreenderam que era necessário colaborar com todos para que pudessem se sentir seguros e confiantes para trabalhar nesse novo contexto imposto pela pandemia.

A rotina do trabalho que foi alterada e que aumentou consideravelmente; a preocupação com a necessidade de aprender a usar as novas tecnologias; e a pouca mediação com os estudantes no ensino remoto são fatores que estão prejudicando a saúde emocional do corpo docente.

Outro fator preocupante, apontado pelas (os) professoras (es) nessa nova realidade educacional, são as crianças que não têm autonomia para organizar os seus próprios estudos em casa, e os responsáveis que não têm formação para mediar e acompanhar os estudos. Isso dificulta para os professores avaliarem as atividades entregues por meio de fotos compartilhadas pelo WhatsApp e, por tudo isso, têm a dificuldade de fomentar os três tempos da avaliação formativa (observar, analisar e promover melhores oportunidades de aprendizagem). Em virtude da não interação presencial com os estudantes no ambiente escolar, os(as) professores(as) sentem-se preocupados(as) e receosos(as) de como contribuir para que os estudantes possam apreender os direitos de aprendizagem. ■

## Referências

- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Orientação Pedagógica do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem. Brasília: SEEDF, 2010.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Currículo em Movimento da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal: pressupostos teóricos. Brasília: SEEDF, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Currículo em Movimento da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal: Ensino Fundamental - anos iniciais e finais. 2. ed. Brasília: SEEDF, 2018.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 3º Ciclo. Brasília: SEEDF, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Brasília: SEEDF, 2019.
- DISTRITO FEDERAL. Governo do Distrito Federal. Decreto nº 40.509, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal: Brasília, DF, ano XLIX, Edição Extra, nº 25, p. 3, 11 mar. 2020.
- DISTRITO FEDERAL. Governo do Distrito Federal. Decreto nº 40.520, de 14 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal: seção I, Brasília, DF, ano XLIX, Edição Extra, nº 28, p. 1, 14 mar.2020.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Portaria nº 419, de 20 de dezembro de 2018. Institui a Política de Educação Básica do Campo, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Diário Oficial do Distrito Federal: seção I, Brasília, DF, ano XLVII, nº 242, p. 51, 21 dez. 2018.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Portaria nº120, de 26 de maio de 2020. Institui Comitês Central, Regional e Local para a implementação e operacionalização do regresso dos estudantes às atividades educacionais não presenciais e presenciais. Diário Oficial do Distrito Federal: seção I, Brasília, DF, ano XLIX, Edição Extra nº 87, p. 1, 1º jun. 2020.
- THIOLLENT, M. Metodologia de pesquisa-ação. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Apêndice - Poema enviado para os estudantes das turmas do 4º e 5º Anos no período do distanciamento social

### Tempo Estranho

Olá! Queridas Estudantes!  
Alô! Estudantes Queridos!  
Espero estejam todos bem  
Estejam cuidando de si  
E de sua família.-  
Estamos vivendo um tempo estranho:  
É tempo de pandemia.

Mais rápido que um segundo  
Mais rápido que um minuto  
De uma hora para outra  
Aqui no Brasil, ali no Mundo  
Fomos surpreendidos  
Por um inimigo invisível  
Ele não é um bicho papão  
Mas tem um poder incrível  
Ele é o CORONAVILÃO!

Mais rápido que um raio  
Mais rápido que um furacão  
De uma hora para outra  
Aqui em casa e você na sua  
Fomos separados  
Ninguém estava preparado  
Para ficar distante do vizinho e da vizinha  
Ninguém estava preparado  
Para ficar distante do amiguinho e da amiguinha

Estamos vivendo essa realidade, sem igual:  
É tempo de distanciamento social.

Nesse tempo de quarentena  
Apareceu tanta gente  
Para nos alertar do perigo  
Uma gente que usa roupa branca  
Pedi ajuda da população  
Para combater o nosso inimigo:  
"Lave suas mãos com água e sabão"  
Até o Cascão, aprendeu essa lição!

Outra gente, entrou em cena  
Usa paletó com gravata  
Pedi para todos:  
"Fiquem em casa!"  
"Mas se precisar ir na rua,  
Siga as orientações:  
Evite aglomeração e use máscara"  
Não é bravata, é sua proteção!

Queridas e queridos integrantes  
Do Coletivo da Escola Classe Sonhém  
Estamos distantes ... para nos proteger do vírus.  
Estamos unidos: para combater o vírus.  
Estamos distantes e unidos para o Nosso Bem!

E no dia que aquelas gentes anunciar:  
"Fim da pandemia!"

É nesse dia  
Com uma alegria sem fim  
Iremos nos abraçar... da rua até na escola!  
Iremos brincar... de pega-pega e de bola!

E nesse dia  
Iremos cantar a melodia:  
" Amanhã será um lindo dia  
Da mais louca alegria  
Que se possa imaginar..."

(Sérgio Luiz Teixeira)

(Poema enviado para os estudantes das turmas do 4º e 5º Anos no período do distanciamento social)